

A REFORMA.

PROPRIETARIO E REDACTOR—O BACHAREL ANTONIO DE SOUZA RUBIM

ANNO II

Este jornal publica-se uma vez por semana

Theresina, 4 de Setembro de 1888

Assignaturas—Por anno 85000 para a capital e 105000 para o interior.—Por semestre 55000 capital e interior.

NUMERO 65

As assignaturas são pagas adiantado, bem como as publicações de interesse particular. Serão recusados os escriptos que não trouxerem a responsabilidade legal. Escriptorio e redacção—rua da Gloria n.º 19.

O bacharel Antonio Rubim declara não poder exercer a advocacia no interior, visto que os seus deveres como director de Collegio impedem-no de sahir desta capital.

LETRAS E ARTES

Collegio de N. S. das Dores

SOCIEDADE RECREIO JUVENIL

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. JOAQUIM BELMONT NA SESSÃO DE 5 DE AGOSTO FINDO.

SENHORES.—E' maxima e maxima muito exacta que não ha causa sem effeito. A lei de 13 de maio é effeito do abolicionismo, da mesma forma que o abolicionismo é o effeito da gradual civilização brasileira e dos pensamentos grandiosos e santos que germinaram ou, melhor, ainda germinam no coração dos filhos de Cabral.

Descrever a marcha do abolicionismo no Brazil, desde o seu apparecimento até a data da emancipação total de nossa patria,—eis a these que me coube como eleito na sessão de 19 do corrente.

Senhores.—A proporção que os povos vão ganhando os luminosos degraus do progresso, vae-se lhes accentuando no espirito o amor da liberdade. E é por isso que nos fins do seculo passado os Estados Unidos quebraram os ferros do despotismo britânico; e é por isso, srs., que em 1789, em um baptismo de sangue a França purificou-se, estabelecendo a egualdade nacional, e é ainda por isso—que não ha muito, a nossa idolatrada patria libertou-se do jugo tyrannico da nação portugueza! O abolicionismo no Brazil é consequencia do seculo.

Em 1851 Ezebio de Queiroz francava os portos brasileiros aos corsarios negreiros, que vinham das costas d'África carregados de despojos humanos.

Mas o primeiro abolicionista brasileiro foi Pedro Pereira da Silva Guimarães, o heroico cearense que, na 1.ª sessão da assembleia geral, na legislatura de 1850—1852 apresentou um projecto sobre a emancipação progressiva dos escravos. Mas esse projecto, srs., nem ao menos foi julgado objecto de deliberação! Houve até um deputado, fazendeiro opulento e escravagista acerrimo, que tomado de indignação exclamou:—«O que hei de fazer de 400 crias que te

nho por anno?»... Felizmente para nossa nobreza parlamentar, diz um biographo do distincto cearense, escapou ao tachygrapho essa oiva de egoismo cobarde!

A 4 de junho de 52 Pedro Pereira torna a apresentar o mesmo projecto.

Sim! diz o seu biographo, naquella dia memoravel, o denodado filho do norte, sobranceiro ao embate das paixões, em plena calma de toda a sua nobre altivez, impo-nente, grandioso, sublime nessa *unidade*, que assim ra os *multos*; inacessível á biva dos improperios, aos silvos ironicos e grosseiros, e aos latidos da avareza açulada; veno a seus pés, desfeitos em espumas, as vagas que o vento da procella alevantara; illuminata a phisyonmia pelos esplendores do genio o inspirado pela magni-lude da causa... deixava cair dos labios estas eloquentissimas palavras:—«Senhores, que devemos ir gradualmente acabando a escravatura no Brazil, manda-o a religião, aconselha-o a sã politica, exige-o a civilização actual, reclama-o a prosperidade do imperio, dicta-o a humanidade, instam nossos proprios interesses!

Nunca a tribuna parlamentar, disse um dos orgãos do partido liberal da Ceará, subiu tanto, naquella momento—soculo em que, transformada em Suai, via a seus pés ajoelhada esupplice a humanidade inteira!

Volvem os tempos. 19 annos depois, em 1871, o inclyto V. do Rio Branco libertava o ventre escravo, collocando a primeira pedra no edificio magestoso das liberdades brasileiras!

Com effeito á 28 de setembro de 1871, S. A. a P. I. Regente, sancionava a lei do ventre livre! Desde esse momento foi crescendo na vastidão e porque do pensamento abolicionista a procellosa onda que devia abysmar por uma vez a negra galera da escravidão!

28 de Setembro foi a alvorada de 13 de maio!

28 de Setembro foi o Jordão da liberdade; 13 de maio o Golgotha do escravagismo!

28 de Setembro foi uma estrela luminosa; 13 de maio uma constellação brilhante.

A loura madrugada de 71 transformou-se no radioso dia de 88!

Senhores.—Amanhecera o dia claro e sereno, como um sonho de creança mimosa; o sol erguia a face dourada e enviava á terra um beijo longo e calido; as flores, borboletas olentes, purpurejavam as campinas, balsamizando o ambiente purissimo... Era 13 de maio que surgia!

Era a aurora da liberdade que flamejava no horizonte da patria! Era o momento grandioso da egualdade brasileira!

Soara no immenso relógio do tempo a hora final para a escravidão!

Os legisladores brasileiros comprehendiram o verso de Schiller: «Não tremaos ante homem livre; tremei d'aquelle que quebra os ferros!» E temeram! Receiaram que esses *parias*, que esses desgraçados, como a *canalha* franceza de 89, se revoltassem contra a tyrannia, contra a oppressão, contra o despotismo tazanho e vil e clamassem como Castellar: «A liberdade não se pede de joelhos; conquista-se com a espada!» Mas não, o sangue brasileiro não correu pelas praças publicas e a deusa não salpicou o manto regio com a lama das ruas, porque «a liberdade que é uma virtude só quer ser servida por virtudes» e a revolução é um crime perante Deus e a humanidade!

Antes de terminar srs., imploro a vossa attenção para dous factos que animarão ou melhor acceleraram o movimento abolicionista no Brazil.

Esses dous factos são os esforços gigantescos e *divinos* das duas irmãs do norte:—Ceará e Amazonas.

A 25 de março de 1884 a patria de Iracema, terra livre como as ondas de líquida esmeralda que vem beijar lhe as alvacentas praias, quebrava os grilhões que arroxavam os pulsos dos escravizados de outrora!

Este exemplo heroico foi heroicamente seguido pela princeza da Amazonia.

As aguas do rei dos rios parece que correram mais livremente no dia em que o Anjo da Liberdade transportou-se áquellas plagas, exclamando: Amazonas! és livre! Livre como esses selvagens que habitam tuas luxuriantes selvas, livre como as aguas deste colosso que te fertilisa o solo!

Srs., esses dous factos muito influíram para o desaparecimento do escravismo na nossa estremeada patria.

O estimulo percorren todas as provincias de norte a sul; innumerables sociedades redemptoras se fundaram; a questão abolicionista passou do seio das sociedades para a praça publica; desta para a Assembleia; d'aqui para o senado e, em fim, subiu até o throno da excelsa princeza, que sancionando a aurea lei de 13 de maio decepou de um só golpe a cabeça da hydra negra! Está consummada a obra. Feixon-se o livro hediondo e sujo da escravidão e abriu-se o codigo sagrado e nitido da Egualdade!

O ántro transformou-se em céu, o escravo tornou-se irmão!

Sr. presidente, vós que foste soldado valente nos esquadrões da luz e vós, meus collegas, que sois

camalheiros do futuro, desculpe-me, se não vos satisfiz. Sou fraco e a these foi difficil.

Em nome da Liberdade eu vos saúdo!

SOLICITADAS

O Capitão do Porto, 1.º tenente Raimundo F. Estappe da Costa Rubim e anónimo da «Epoca»

Não venho responder á verrina contra mim publicada na «Epoca» n.º 513 de 21 de Julho porque, como disse em meu primeiro artigo, não respondo a anonyms.

Venho tão somente declarar ao publico que o *Romulo* é um tal Francisco Evaristo Riposo da Camara, já bem conhecido n'esta provincia, julgando-me com a publicação da seu nome, dispensado de dizer uma palavra sequer sobre elle

E para que o publico melhor aprecie quem é este individuo que me aggride, offereço á sua apreciação uma carta de recommendação de seu proprio pae na qual elle, (que melhor do que eu o conhece) salienta *as excellentes qualidades, que exornão tão bello character.*

Dito isto, prometto não voltar mais á imprensa.

«Publica forma do topico de uma carta dirigida pelo doutor Leocadio Cabral Raposo da Camara á José Francisco Maia, como abaixo se declara:

—Sabão quanto este publico instrumento da publica forma vierem, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e oito, aos quatro dias do mez de agosto, n'esta cidade da Parnahiba, provincia do Piahy, no meu cartorio compareceu o tenente-coronel Luiz Antonio de Moraes Corrêa, residente n'esta cidade, conhecido de mim Tabellião interino, do qua dou fe, e me apresentou uma carta, datada de vinte e tres de abril de mil oitocentos e setenta e oito, dirigida pelo doutor Leocadio Cabral Raposo da Camara, de Piracurna, ao negociante d'esta cidade já fallecido, José Francisco Maia, e me pediu o mesmo tenente-coronel Moraes Corrêa que lhe desse por publica forma o theor do topico da dita carta de que elle necessitava, o qual era o seguinte:—Inimigo como sou dos tratantes, julgo de meu dever preventivo de que segue para essa cidade um rapaz casado com uma sobrinha do tenente Xirrite, e parenta de um alfaiate Leoncio, que ali existe, de nome *Francisco Evaristo Raposo da Camara*, que em algum tempo tive por filho, e que tornando-se refractario aos meus

conselhos, para se entregar aos vicios mais vergonhosos na sociedade, tive de o abandonar, e por isso nada lhe faça por consideração á mim, tendo a cautela de o não perder de vista sempre que elle entrar em seu estabelecimento... elle pertence a seita dos vedoy's, a figura fílida, porem as acções o envilecem.—Sou com estima e consideração de vossa mercê amigo, obrigado e criado.—Leocadio C. R. da Camara.—Estava reconhecida a assignatura por mim tabellião interino, sobre uma estampilha de duzentos reis. E' o que se continha em dito topico da carta do doutor Leocadio Cabral Raposo da Camara, que bem e fielmente para aqui trastei e ao original me reporto e dou fé, em mão do dito apresentante tenente-coronel Luiz Antonio de Moraes Corrêa, que para a sua exhibição aqui tambem se assigna. Parnahiba, quatro de agosto de mil oitocentos e oitenta e oito.—E em José H. Guimarães, tabellião interino e escrevi e assigno em publica e raso.—Em testemunho da verdade. O Tabellião publico interino José H. Guimarães.—Luiz Antonio de Moraes Corrêa.—Sobre duas estampilhas de duzentos reis competentemente inutilizadas.—C. C. por mim tabellião interino.—H. Guimarães.

Parnahiba, 5 de agosto de 1888

Raimundo F. K. da C. Rubim

A «Epoca» perante o governo.

Muito curioso é o phenomeno que se origina de uma posição pouco correcta, insustentavel.

Quem tem a infelicidade de occupar uma dessas posições nem sempre pode abandonal-a com a sua dignidade intacta, e por vezes tem necessidade de recorrer aos meios mais illicitos para evitar a completa absorpção da sua integridade moral.

Proloquio cheio de profunda sabedoria—o *abyssus abyssum invocat*—recebe quotidianamente a sua formal consagração dos factos innumerables, que germinam no solo fecundo da vida social.

O individuo, que uma vez deu um passo em falso, vê-se coagido a dar outros eguaes para restabelecer o equilibrio; aquelle, que uma vez foi impellido para a estrada tortuosa do mal, tem necessidade de percorrel-a em todos os seus desvios os mais perigosos, antes que encontre o seu ponto de intersecção com a estrada luminosa do bem.

Por isso é que a «Epoca», transformando-se na mythologica face de Gorgona, que petrifica as creanças mais sãs e benéficas, agoutada pelas ondas marulhosas e encapelladas da polemica partidaria, tem dodejado incessantemente, indo fragmentar-se de encontro á severidade da opinião publica.

Desde que ella, pela fatalidade das circumstancias, foi haurir principios de vitalidade na fonte turva de baixos e mesquinhos interesses pessoais, não teve mais forças para lutar contra os elementos deletérios que fermentam no seio da sociedade, e que a levaram de roço até o ultimo grão na escala da degradação.

Se de outra prova tivéssemos necessidade para corroborar o nosso asserto, bastaria a attitude, q' ella tem assumido em face da ultima evolução que se operou na nossa politica, porquanto ella, q' tinha tanta coragem para fulminar os rebeldes, quando era bafejada pela aura da bonança, hoje vê-se obrigada a retrahir-se, a morder-se para conservar uma migalha que comprime-lhe os movimentos e tira-lhe toda liberdade de acção perante o actual governo.

E' assim que a «Epoca», cujo nome impetramos a graça de pronunciar, apesar da ostentação que faz de não tocar no nosso, estando ligado por laços de intima solidiedade aos seus dous amigos da camara temporaria—Coelho Rodrigues e Cicero—, não teve o menor vexame de romper esses laços para guardar silencio em torno de um governo, que enxotou os seus referidos amigos indicados-lhes o caminho da opposição, que elles pareciam desconhecer.

Ella propria já noticiou que o Cicero no dia 19 do passado occupou a tribuna parlamentar para vomitar a sua baba pestilencial sobre meio mundo, cravando as suas garras na reputação de cada um das seus desaffecteds, e no entanto ella nega-lhe peremptoriamente a sua adhesão, abstendo-se obstinadamente da lucta, sem deixar ao menos aos seus dous representantes o parco consolo de se verem cercados de sinceras affeições nas suas horas de extrema agonia.

O procedimento de um é a reprobvação implicita do procedimento de outra: ou o Cicero ou a «Epoca» tem andado mal, porque não pode ser ao mesmo tempo correctas duas posições diametralmente oppostas occupadas por cada um. Contemple o partido conservador este espectáculo pouco edificante e avalie o grão de lealdade que por ventura possa existir em um tal procedimento.

Só o aferrado apego a essa migalha, que o governo lhe dispensa, pôde explicar o desaso que a «Epoca» ou o centro tem revelado na sua attitude em presença da administração do nosso illustrado e criterioso vice-presidente, dr. Firmino Licínio.

De facto, sem a precisa energia e popularidade para tomar a responsabilidade de um rompimento franco, ella limita-se a publicar uma relação dos seus amigos, que ella diz sacrificados aos odios do nosso chefe, dr. Coelho de Rezende, sem, entretanto, ousar formular censuras directas e positivas contra a mão que desferio o golpe, que os esmagou.

De outro modo não se concebe que, concededora do nosso aparelho administrativo, a gente da «Epoca» pretenda deslocar o eixo da responsabilidade de uma esphera para outro muito differente.

Já dissemos em um artigo anterior que, se o exm. sr. dr. Licínio vae dando á sua administração as cores exageradas de um fanatismo partidario, contrariando os interesses legitimos da provincia e do partido representado na imprensa pela «Epoca», esta tem estrita obrigação de erguer a sua potente voz para dar encarniçado combate

a quem tanta perseguição tem desenvolvido contra os seus amigos. *Noblesse oblige.*

Se, pois, esta campanha ainda não se iniciou é que o orgão centralista tão intolerante e apaixonado, apesar do cuidado com que respiga, não pôde descobrir um só acto administrativo do exm. sr. dr. Licínio, que julgasse possível da mais ligeira arguição.

Assim aquella lista dos demittidos, que a «Epoca» publicou, lançando-a a conta do odio do exm. sr. dr. Rezende, não é mais do que uma indigna manobra para empanar o brilho de uma administração que, fecunda de resultados benéficos, tem provocado os applausos espontaneos de todos aquelles que estremeceem a nossa provincia abastardada pela acção asphyxiante de um nepotismo insupportavel.

O exm. sr. dr. Licínio, que tem no seu character altivo e nobre uma coragem inamolgavel contra as impotentes injurias dos despeitados, não precisa de Cyrineu para compartilhar a responsabilidade dos seus actos.

O nosso digno chefe, o exm. sr. dr. Rezende, não pode soffrer accusações por taes demissões, porque o exm. sr. dr. Licínio não é administrador que se annulle, simplesmente porque assim o exige o interesse material da gente do centro, que fez da «Epoca» o vehiculo do seu despeito.

A Phalange não se pode espantar com mais este producto de refinada hypocrisia do centro, porque elle, que está acostumado a contemplar e lamentar os seus desvarios, só se surprehe diante de actos que destõem dessa norma de proceder.

Voltaire, perguntando se Cartouche e Nadir-Schah teriam podido se abster de derramar o sangue humano, responde, de accordo com Lock e Leibniz, que não. O determinista, que procura a responsabilidade no character do homem, negará que se possa formar nelle uma vontade duradoura, em opposição a esse character. Se o contrario acontece na apparencia, isto prova simplesmente que, no character desse homem, dormitavam e podiam despertar forças que até então não tinham attraído a nossa attenção.

O centro, portanto, que perturbe desassombadamente o circulo, que lhe foi traçado pela sua constituição organica, pois debalde tentariamos detel-o na sua marcha de desatinos, fazendo reflectir na sua frente o espelho das mais bellas virtudes civicas; mas não tente imprimir na administração do dr. Licínio uma feição odiosa que ella não tem e que só pode ser attribuida ao daltonismo politico do centro, se é que assim nos podemos exprimir.

Nós, insignificantes insectos, não temos a pretensão de merecer uma resposta de tão altos personagens, que compõem o centro; mas, formando um partido organizado e tendo principios a zelar, ligamos pouca importancia ao mutismo forçado dos nossos adversarios e continuaremos na defesa dos nossos irmãos de creanças, certos de que grandes effeitos tambem podem ser produzidos por pequenas causas.

A Phalange Macedonia

Pelas Barras

A «Epoca» em seu ultimo n.º declara—que maveiros informantes espalharão nesta capital o boato de que o distincto chefe do partido conservador das Barras (que pilheria de mau gosto!) e seu

presado amigo tenente Antonio Lopes de Carvalho, pelo facto de haver sido demittido do cargo de promotor publico daquelle comarca, á recommendação telegraphica do sr. Coelho de Rezende, abandonara as fileiras de seu partido para armar tenda nos arrames contrarios. Podemos garantir, diz a «Epoca», que o nosso amigo, cujo espirito jamais se abateu diante da adversidade, nunca esteve mais disposto a defrontar com esta por amor da causa conservadora.»

Quando lemos desses topicos não podemos deixar de rir e admirar o cynismo e petulância dos gazeteiros da «Epoca»!

Quem ha nesta provincia que não saiba da negra e horrenda historia politica do ex-promotor das Barras?

Guindado á posição de chefe conservador das Barras simplesmente pela vontade do nosso chefe, dr. Coelho de Rezende e contra gosto do partido daquelle localidade, que por mais de uma vez tentou libertar-se da chefia pernicioso desse especulador politico, a «Epoca» melhor do que nós avaliou o merecimento politico do sr. Lopes desde o dia em que pagou com a mais revoltante traição e ingratição os innumerados beneficios, que lhe dispensou o dr. Coelho de Rezende.

Pouco tempo antes de travar-se o celebre rompimento do centro onça com o dr. Rezende, já o partido conservador de Barras tinha dividido-se pela má direcção, que lhe imprime o sr. Lopes e alguns amigos mais importantes, que o toleravam, tiveram de reunir-se ao grupo divorciado, deixando-o em completo abandono no pleito de 31 de Janeiro.

A elite conservadora de Barras, depois da ingratição revoltante do sr. Lopes, corre espavorida da sua sombra. A sua demissão era instantaneamente reclamada pelo partido conservador e foi um acto moralizador.

O partido conservador de Barras, que conta em seu seio homens independentes e criteriosos, como o coronel José Olimpio de Mello, major Baptista Lopes, e capitães Francisco Carvalho, Antonio Carvalho, Silvestre Tito, Antonio Fortes e outros, não pode deixar de considerar-se offendido em ver a «Epoca», q' se intitula—*orgão conservador*, dar o titulo de chefe ao sr. Lopes.

Protestamos que o sr. Lopes não seja capaz de se abater diante da adversidade, porque os factos demonstrão o contrario. Amigo e dos mais dedicados do dr. Coelho de Rezende que, por ultimo favor, livrou o das mãos da justiça nesta capital para mandal-o ao Maranhão obter uma ordem de *habeas corpus*, fazendo grandes dispendios, e tendo-o sob a valiosa protecção dos mais distinctos advogados daquelle provincia, s. s., logo após esse grande favor, abandonou-o na lucta intempestiva do centro, contra a expectativa da provincia toda.

E porque? Pelo receio de perder o cargo de promotor que não teria adquirido se não predominasse no governo o prestigio do dr. Rezende, então considerado pelo centro um bom amigo e experimentado chefe politico.

Não é para admirar, pois, que, tendo s. s. abandonado com pas-

mo geral o seu melhor amigo e protector, abandone hoje esse centro, a quem s. s. só obedecia pela necessidade do cargo, e vá unir-se aos seus inimigos de hontem para obter o que hoje não se lhe pôde dar.

Depois do procedimento do sr. Lopes para com o dr. Rezende, perguntamos: ha nesta provincia quem seja seu amigo e tenha por si a menor confiança?

O centro que nos responde.

Declaramos ser exacto que o sr. Antonio Lopes tenha sido demittido á recommendação telegraphica do nosso chefe dr. Rezende, como cavilosamente diz a «Epoca.»

O exm. sr. dr. Licínio, que se tem distinguido na sua administração por seus actos moralizadores e correctos, não precisava de recommendação para demittir um funcionario publico, que se tinha tornado impossivel na sua comarca, onde se achava rompido com o seu partido e com todos os adversarios.

Aconselhamos a «Epoca» que seja mais seria e menos infeliza nos seus *canards*.

A Phalange Macedonia.

Accusação da «Epoca»

Continua a «Epoca» a protestar surpresa pelos actos praticados pelo exm. sr. dr. Licínio no sentido de firmar a influencia e predomínio do nosso chefe, o exm. sr. dr. Coelho de Rezende.

Sem querermos ainda mais uma vez incorrer no estigma de importunos, pedimos venia ao corajoso orgão para participar-lhe, sem reboço, que nada pode nos vencer da seriedade de tão ousada proposição.

Ralmente, para que exista a surpresa é preciso que se verifique a existencia de um acontecimento imprevisito. Ora, no caso presente, é impossivel contestar-se de boa fé a existencia de imprevisão, em relação á transformação porque a politica conservadora vae passando na nossa provincia. Se ha algum acontecimento que se possa dizer rigorosamente ligado por uma logica filiação a factos anteriores, a administração do dr. Licínio é um delles, em vista da homidade com que elle sempre verberou as hostilidades do centro para com o dr. Rezende.

Para affirmar o contrario fóra preciso que a «Epoca» dormisse o sono de Epimenides, perdendo o inteiro conhecimento dos factos que produziram uma tão extraordinaria effervescencia no seio do nosso partido.

Quem não conhece o papel que representou o dr. Licínio durante essa phase de perigosa incandescencia politica, advogando sempre, com toda a energia do seu character, a causa do dr. Rezende, em cujo predomínio elle julgava repousarem a pujança e cohesão do partido?

As constantes e vehementes discussões, que elle provocava contra o centro a respeito do rompimento que elle qualificava de um modo bem severo, eram advertencias claras e positivas.

Ninguém melhor do que o centro as comprehendeu, por isso q', habituado a trabalhar nas trevas, elle procurou em segredo inquisitorial remover este obstaculo que tão opportunamente surgira no seu caminho para contrariar os seus planos mephistophelicos. Por isso é que elle em carta collectiva, que apenas deixou de ser as-

signala por um on contro dos seus membros, dirigiu-se na corte ao seu chefe supremo para indicarlhe a necessidade da demissão de um homem que tanto o incomodava pela sua austeridade de principios e que, não obstante, elle continuou a festejar.

Se tudo isto é verdade, como é que a «Epoca» insiste malevolamente em fazer crer que foi de ultima hora a conversão do dr. Licínio em favor da causa do dr. Rezende?

Parece que o seu fim não é mais do que observar o pensamento de um homem que tanto o incomodava pela sua austeridade de principios e que, não obstante, elle continuou a festejar.

Permitta-nos que uzemos desta linguagem para consigo, porque —*a tout seigneur tout honneur.*

Ao terminar o artigo a que estamos respondendo, a «Epoca», esquecendo a diplomacia que até agora tem empregado sempre que se trata do actual governo, talvez porque se ache desapiedadamente acossada pelos seus adversarios da imprensa, desce ao terreno das insinuações, assegurando que o dr. Licínio, pelo facto da convivencia com os seus autores, tem tomado parte na campanha jornalística que a Phalange abriu contra o centro.

E' o caso d'aquelle dr. repetir —*o natus non eram* da fabula, pois, antes d'elle empanhar as redas da administração, já a Phalange tinha as suas baterias em constante movimento.

Estranha theoria a do orgão do sobrado: porque o dr. Licínio mantém relações de amizade com os autores da serie de artigos que têm sido publicados, participa da responsabilidade que delles provem!

A prevalecer tão singular theoria, tambem nos seria licito affirmar que s. exc. exerce grande influencia na confecção das grosseras invectivas que a «Epoca» orgão official se compraz semanalmente em irrogar contra o nosso chefe—o dr. Coelho de Rezende, e com tanto maior razão quanto é certo que a liga á s. exc. o mais estreito laço de dependencia, a subvencção, e não a mera circumstancia de convivencia.

A nossa lealdade, porem, exige que despresemos um tal argumento que não prima pela solidez da sua logica.

Ha accusações que, pela fragilidade dos seus fundamentos, não merecem o trabalho de uma refutação.

A «Epoca» ousa atirar ao dr. Licínio um cartel de desafio, provocando-o a res indir o contracto da subvencção que com ella mantem.

Estamos certos de que ella nem de leve acreditará na rescisão, porque, concededora da generosidade do dr. Licínio, ella sabe tão bem como nós que elle, longe de prejudicar os seus interesses, procura antes occasião de dar-lhe uma lição de cavalheirismo, conservando-lhe a receita que é o seu principal, senão unico elemento da vida.

A «Epoca» como que se mostra pezarosa pelas violentas convulsões politicas que ultimamente têm abalado o partido conservador piabyense e vão fazendo periclitar a sua ordem e integridade.

Pena é que este arrependimento tenha vindo já um tanto retardado.

Mas, se essas lagrimas são sinceras e não de crocodilo, permittanos a «Epoca» que a comparemos a Scipião Africano a lamentar as ruinas de Carthago, que elle proprio arrasou.

Se hoje o nosso parti lo apresenta o aspecto de um edificio em ruinas, o orgão do sobrado queixese de si, porque o centro foi o unico que trabalhou para sua demolição.

A Phalange Macedonia

Triolet.

Foi uma vez centro-onça!... O centro onça morreu! Pois a Phalange venceu, Foi uma vez centro-onça, Na grande queda que deu Houve uma tal geringonça, Foi uma vez centro-onça... O Centro-onça morreu!

Sancho

Presidente da Provincia

Telegramma do nosso distincto e prestimoso chefe, exm. sr. dr. Simplicio Coelho de Rezende, dânos a grata noticia de ter sido nomeado Presidente desta Provincia o illustro maranhense, exm. sr. dr. Raimundo José Vieira da Silva, filho do honrado conselheiro ministro da marinha, exm. sr. dr. Luiz Antonio Vieira da Silva.

Não podia ser mais acertada a escolha do Governo Imperial.

Moço de intelligencia robusta e possuidor das mais distinctas qualidades sociaes a par das gloriosas tradições do nome immaculado do seu illustre e respeitavel pai, estamos certas de que o exm. sr. dr. Raimundo Vieira saberá honrar o elevado cargo, de que se acha revestido, correspondendo ás vistas do patriótico gabinete 10 de março, onde occupa lugar proeminente o exm. sr. Conselheiro Luiz Antonio.

O sr. Viveiros de Castro, filho do mimigo mais encarnigado do conselheiro Luiz Antonio, aviltou o cargo de Presidente desta provincia, cercado a sua administração da mais desregrada e inqualificavel desmoralisação.

S. exc. o sr. dr. Raimundo Vieira póde ter a gloria de delovar o nome maranhense abatido pelo sr. Viveiros de Castro e fazer uma magnifica administração, desde que é um moço intelligente, illustrado e criterioso, e possui bastante senso.

Que s. exc. não póde nesta provincia deixar o seu nome de homem publico e particular ligado aos factos mais reprovados pela honestidade, moralidade e justiça, como o deixou o sr. Viveiros de Castro, é nessa convicção.

Seja, pois, s. exc. bemvindo.

A Phalange Macedonia

Negocios de Marvão

Sob a epigraphe supra, um homem sem sentimentos de honra, destes nascidos infames e que só sabem viver para infamar, illudindo a illustre redacção da «Imprensa» atira-se hydrophobicamente sobre minha humilde individualidade, deprimindo o quanto é possível meu caracter, o que sempre tenho trabalhado para conservar impolluto; e é por isso que respeito a todos e a todo.

A esse cão leproso, a esse ente baixo, degenerado e mil vezes infame, eu incito a despir a mascara do cobarde, para de peito descoberto vir bater-se a luz do

dia, no terreno onde se sabe bater, quem tem dignidade. Não me resta, porém, esta esperança, porque o infame teme enfrentar a honra; o cobarde teme enfrentar a coragem; a mentira teme enfrentar a verdade; e o homem desbravado áquelle que tem brio. Nestas condições, creio que meu appello será um echo perdido na vastidão do espaço.

Diz o falso informante com referencia a minha pessoa:

«Que os supplentes do juiz municipal aqui obrão por inspiração minhas, que procuro meios de vida tecendo intrigas e enredos, tendo como tal ficado conhecido na villa da Independência do Ceará por todos quantos tiveram a infelicidade de me conhecer; e que só tenho por fim ganhar dinheiro em questões como se deu na de Joaquim Irineu.»

Vamos a esta insolita descompostura por partes.

Os supplentes do juiz municipal deste termo não têm em mim um accessor, por quanto, se bem que não sejam homens que se dediquem exclusivamente a negocios do fóro, todavia são cidadãos muito probados e sensatos, que só sabem trilhar o caminho do justo e honesto e obram sempre de accordo com os seus bons sentimentos, do que têm dado robustas provas.

É uma miseravel calumnia o dizer-se que eu procuro meios de vida tecendo intrigas e enredos, e desafio ao infame caluniador, para provar o que assevera.

A quem já intriguei e de quem já enredei com o fim de me vir algum provento ou sem elle?

Eu felizmente tenho um meio de vida conhecido, d'onde tiro os meios de manutenção para ir, com o auxilio de Deus, creando minha já numerosa familia. Poderão dizer outro tanto certos amigos da «Imprensa» que aqui residem, e que não tendo de que viver tirão os meios de subsistencia de intrigar, entredar e infamar? Querem saber os nomes? Descubra-se quem me insulta que eu os apontarei...

É mentira que eu na Independencia fosse tido na conta de máo cidadão.

Alli morci por mais de dous annos e quando mudei-me continuei a receber cartas de pessoas do melhor conceito lá residentes, taes como o respeitavel vigario padre José de Araujo Galvão e coronel Manuel Vieira Gomes Louzinhão, benéfico chefe do partido liberal d'aquella localidade; e se meu infame aggressor quer velas, para aquilatar do conceito que de mim fazem aquelles cavalheiros, exijo-o sob sua assignatura que as publicarei, e o publico verá como se desmente um miseravel.

Os dous honrados cidadãos, a quem refiro-me, não são desconhecidos nesta provincia, e quem ignorar o quanto elles valem, se informe do illustre sr. capitão Manoel Lopes Correia Lima, que tambem sempre honrou-me com sua amizade, a ponto de, quando mudei-me para Theresina, dar-me uma carta de recommendação para seu venerando sogro o respeitavel sr. dr. Manoel Hedefonso de Souza Lima, que dispensou-me sua valiosa protecção, e a ambos sou muito obrigada pelos favores que recebi.

Com relação a questão de Joaquim Irineu, nem se quer appareci como advogado como todos sabem nesta villa; como, pois, existe quem tenha a coragem de apontar, dizendo que ganhou dinheiro de tal questão?

É só o gosto de encher-se paginas de jornal embora com patifarias.

Chama tambem o meu detractor a attenção do governo para o facto de ter eu advogado por mais de uma vez, dizendo que descobri o go o regulamento da instrucção publica & c.

Existe felizmente nesta localidade um inspector litterario, homem muito circumspecto e honrado, o capitão Felix Antonio de Moraes e Vasconcellos, que, se visse que eu advogado prejudicava ao ensino, seria o primeiro a chamar-me ao cumprimento de meus deveres; fique dito convencido o meu gratuito offensor.

As mais das vezes que tenho advogado, tem sido a réos miseraveis a convite do dr. juiz de direito, perante o tribunal do jury; isto por não possuirem aquelles infelizes dinheiro, pois do contrario quem só vive de enredos e intrigas, se empenharia até para ser o defensor dos mesmos.

Quanto a dizer-se que ignoro o regulamento da instrucção, como unica resposta lhe direi simplesmente:—vá as fayas.

Mais aliante, ainda na mesma descompostura, diz o miseravel: «Que sou o instructor dos juizes e do partido conservador; o espirito santo de orelha dos juizes leigos; que quero viver de intrigas e lutar com ellas; amigo infel, genio atrabilhoso de Marvão & c.»

Esta estirada descompostura como a outra, affirmo que é uma calumnia brutal e miseravel, suggerida por uma mente tão cobarde quanto infame.

É certo existir aqui um demónio que bem se pode qualificar de genio damnado de Marvão, como já por alguém, que não eu, foi chamado.

Não hesitarei em declarar o nome desse ente com tanto que assigne os seus escriptos contra mim o meu injusto e cruel offensor.

Interrogo a minha consciencia em que já prejudiquei a reputação de alguém, para merecer a brutal aggressão que ora respondo, e não descubro um motivo que justifique esse mesma aggressão.

Terminando esta para a qual fui arrastado, ainda uma vez digo a meu aggressor:—Miseravel, infame e degenerada creatura, junta a tua cobardia mais um pouco de ouzadia e assigna o que teu genio damnado produzir contra mim, se és capaz, que quero ver si consigo fazer o rubor tingir astuas faces envellecidas, embora ja não sejas mais que um cadaver moral.

Vem, e maldito seja quem disser—paremos.

Peço-lhes, sr. redactores, a publicação destas linhas pelas quaes sou responsavel.

Marvão, 23 de Agosto de 1888.

João da Cruz Monteiro.

Parodia

ROMULO E O VICIO

Sabem quem é Romulo?... o maldito! O miserô filho que tem esbr pto Na fronte o selio atroz? Refinado tratante de angra lenda... Espantado a fugir de tenda em tenda Fugindo emtaide a paterna voz!

Miserinho! Correu o mundo inteiro, E no Piauhy tão grande... o aventureiro Não achou onde... pousar. Com a bolsa vazia... vê a loja cheia, O Veras negou-lhe... um par de meia, As botinas o Felipe... não quiz fiar

Da Parnahiba as catingas lhe negão sombra A savana sem fim—nega-lhe alfombra O chão nega-lhe o pó!...

Lojas, serrallhos, tendas e solares... Ninguém lhe abriu a porta de seus lares E o infame s'gue só.

Vá povos de mil climas, vê mil raras, E não póde entre taes populagazs Encontrar uma só má... Desle a gente do Maranhão á da Fortaleza Desle a erouli da Bahia—á a tojeza Não tem um coração!...

E caminhava... E as pessoas se afastavam E os homens tremem lo murmuravam Com asco e pavor.

Ai! Fazia corar do valle a serra... Elle que só póde sobre a terra Emprego n'Alfanlega ao inspector!

No entanto á noite, se Romulo passava Um murmurar de colera se elevava Desde a flor da campina ao colado «Elle não trabalha»—a maldição dizia... E o maldito consigo respondia Assim sempre cici!

O vicio é como Romulo... solitario A forlar e a fallar no itinerario Sem pjo de mentira. Infame! a infamar os probos-os, Vende a sombra de seus actos vergonhosos E sempre a ladrar... sempre a granir...

Procura um amigo—encontra o Motta; Pede uma esmola—e por charota Zombão tolles de si.

E o maldito de porta em porta falla... Mas quando alguém diz—porquẽ não trabalhas... Responle o desgraçalo—assim cici!

Parnahiba—8-8-88.

Sã Turillo

Ao dr. Fausto Carlos Barreto

JOSÉ DO PATROCÍNIO

Oh grande batalhader o'que tu oras? Talvez n'um retro-dore ta na-cesta E com vigo-planta humilde, então cresceste Como o rable secular! Mã prodiga deu-te seiva a natureza, Porque do seio immenso da pobreza É que mais Deus vai tirar sua grandeza Pa a o mar do admirar!

O que fizeste, quando a coma tu ergueste, Carvalho gigantesco dos p'raes e... Nada mais que um dia já n'outros lares Coi sso exp'riente. Do teu solo, nesses montes s'internando, Os montes, serras, vales rotando Qual um viaj' andaz aventureiro Caminhavas contente...

É que amanhavas no teu cerebro O sonho de uma idea grandiosa, A cuja realidade pressurava Gaila vez urge o tempo! E impondo-te a consciencia o são dever, Seguros altan-no mil canchibos Já sem medir as urzes e os espinhos De alguém contratep'o!

Os dias não se contavão... Crescenlo logo pujante A idea edificante Que cedo invadia os paços Onde as leis se decretavão, Com as doutrinas ardentes Desenterraste as sementes Que os governos soterravão!

Por essa trilha brilhante No grande amor e santa fé Como fizera em Nazareth O Martyre da Redempção, Fallaste depois ás gentes Ao forte, ao rico e ao nobre, Ao fraco, ao pequeno, ao pobre! A linguagem do coração.

E teu sonho, todo o intento, Tem cuidado e occupação No mais firme, forte união A' causa da humanidade Pregada com tanto ardor, Fazião chegar proselitos, Angariar mais adeptos Da liberdade em favor.

Sabiste por mar em fóra No teu batel sobranceiro; Era a creença o teu luzeiro, Apostolo da liberdade. Iniciaste a derrota Na germeo do captivoiro, Já mostrando ao mundo inteiro Os fóros da igualdade!

Venceste a desconfiança, A ambição, a injustiça, A invj'a, a gana, a cubiça, Na mais viva pertinacia! E encarando a calumnia

Sem temer mais ameaças Dos que vião tua desgraça, Foi maior a contumacia!

Quanto obstaculo na lucta! Quantos factos apparecem, Quantos estorvos se offerecem Vindo tudo ao grande intento! Mas tu firme, imperterrito Eras o bravo soldado Que contemplava enlevado O grande commettimento!

E conceitando os governos, Arrastando intelligencias, Amoldando consciencias, Nessa santa propagauda, A patria todo trouxeste! E na pura lealdade O escravo em liberdade, Beradiz o que tu fizeste!

Ao seculo que te contempla, Aos governos que admiraão Os feitos que nunca virão Nos factos da humanidade, Dize-lhe então convicto, Como o filho-garido, victo: O Brazil a mim mais deve A conquista da liberdade!

E reconhecendo o Brazil A dívida que contrahira Em grandeza que nunca vira Fiza pra o filho, ufano, Cantando sua victoria, Teu nome já está na historia, Teos feitos passão á gloria! Barras 88.

Belmonte de Carvalho.

A REDACÇÃO DO TELEPHONE

- Infli = rante Lib = rdador Ba = urts Lut = rario Pro = rgnaculo Piau = yense Ap = stole D fe = sor Intr = pido.

Harmonia Theresinense

Foi este o resultado da eleição a que se procedeu n'esta sociedade no dia 30 de Agosto ultimo:

Assembléa geral Presidente

Antonio Raimundo Barbosa.

1.º Secretario

Antonio Martins de Oliveira

2.º Dito

Vicente José de Lima

Directoria

Presidente

Laurindo Gomes de Sá

Vice-presidente

Manoel Clementino da Silva Costa

1.º Secretario

Luiz da Cunha Machado

2.º Dito

Antonio Alves de Paiva

Thesoureiro

Vicente da Costa Martins

Commissão Fiscal

Lucindo Arnaldo da Costa

Albino Cozar de Moura

Galdino Chaves.

Obteve tambem um voto para membro desta commissão o sr. Mataquias Antonio das Chagas.

Da reconhecida aptidão e probidade dos eleitos, a quem felicitamos, muito tem a esperar o bom andamento e progresso de tão util associação.

GAZETILHA

TELEGRAMMAS

Ceará, 14 de agosto.

Falleceu hontem o Bispo da Diocese do Rio-Grande do Sul, D. S bastião Dias Larangeira.

—Falleceu o Visconde de Andarahy.

As camaras

Consta, por telegramma, que serão prorogados os trabalhos das camaras até 15 do corrente mez.

Thesouraria de Fazenda.

A 2 do corrente deixou o exercicio do cargo de Inspector da Thesouraria de Fazenda e seguiu com sua exma. esposa para Sergipe, em gozo de licença, o honrado sr. José Pereira Coelho, digno Inspector da Thesouraria de Fazenda.

Desejamos que s. s. seja feliz em sua viagem em companhia da exma. consorte. No impedimento do sr. José Pereira Coelho assumio o cargo de Inspector o sr. capitão Henrique Guilherme dos Santos, intelligente 1.º escripturario.

ARRAMPAMENTO

Em 25 do andante, com a presença do exm. sr. dr. presidente da provincia e dr. chefe de policia, foi inaugurado o arrampamento do porto da Barrinha, obra realisada debaixo da direcção do nosso distincto amigo, capitão Nelson Pereira do Nascimento.

Eleição municipal

Foi marcado o dia 15 de Outubro proximo vindouro para ter lugar a eleição de um vereador da camara municipal desta capital na vaga deixada pelo nosso indito amigo capitão Rodolpho Martins Vianna.

gabinete

O Imperador recusou conceder a demissão collectiva do gabinete, solicitada no sentido de consultar a confiança da cerda.

Missa

Por alma do coronel Domingos José da Silva Vianna celebrou-se no dia 31 do corrente na Igreja de N. S. do Amparo uma missa a que assistiram parentes e amigos do finado

A Camara victalicia compõe se actualmente de 60 senadores, dos quaes 31 são conservadores e 25 liberaes, um neutro e um radical.

Ha duas vagas; uma em são Paulo e outra em Minas Geraes.

Os conservadores são: Amazonas—conselheiro barão de Mamoré.

Pará—conselheiro Fausto Augusto de Aguiar, dr. Antonio Joaquim Gomes do Amaral, conego Manoel J. Squiera Mendes. Maranhão—conselheiro Luiz Antonio Vieira da Silva.

Ceará—conselheiro barão de Jaguaribe. Rio Grande do Norte—conselheiro visconde de Cavalcante.

Parahyba—barão de Mamanguape. Pernambuco—conselheiro visconde do Bom Conselho, desembargador Athor Barbalho Uchêa Cavalcante, conselheiro Francisco do Rego Barros Barreto, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira. Alagoas—dr. Jacintho Paes de Mendonça.

Sergipe—barão de Maroim. Bahia—conselheiro Marquez de Muritiba, Conselheiro Barão de Cotegipe, Conselheiro Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha, Barão de Pereira Franco.

Rio de Janeiro—Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, Conselheiro Visconde do Cruzeiro, conselheiro Paulino José Soares de Souza, conselheiro Francisco Belisario Soares de Souza, conselheiro João Manoel Pereira da Silva.

Santa Catharina—dr. Alfredo Escragonelle Tannay.

São Paulo—dr. Joaquim Floriano de Godoy, conselheiro Antonio da Silva Prado.

Paraná—conselheiro visconde de Serro Azul.

Minas Geraes—dr. Evaristo Ferreira da Veiga, conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, visconde do Serro Fr.º, romendador Manoel José Soares. Liberaes são:

Maranhão—conselheiro Felippe Franco de Sá. Piahy—conselheiro Marquez da Paranaguá.

Ceará—conselheiro Vicente Alves de Paula Pessôa, dr. João Ernesto Viriato de Medeiros, dr. Liberato de Castro Carrêa.

Parahyba—conselheiro João Florentino Meira de Vasconcellos. Pernambuco—conselheiro Luiz Felippe de Souza Leão, conselheiro Francisco Carvalho Soares Brandão.

Alagoas—conselheiro visconde de Simimbú. Sergipe—barão da Estancia.

Bahia—conselheiro José Antonio Saraiya, conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, conselheiro Pedro Leão Veloso.

Espirito-Santo—conselheiro Christiano Benedicto Ottoni.

Rio de Janeiro—conselheiro Francisco Octaviano d'Almeida Rosa.

São Paulo—barão de Souza Queiroz. Rio-Grande do Sul—conselheiro visconde de Pelotas, conselheiro Gaspar da Silveira Martins, conselheiro Henrique Francisco d'Avila.

Minas-Geraes—conselheiro visconde de Ouro-Preto, conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, conselheiro José Rodrigues Lima Duarte, dr. Ignacio Antonio d'Assis Martins, conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira.

Mato-Grosso—conselheiro visconde de Lamare.

Neuro—visconde de São Luiz do Maranhão.

Radical—dr. José Ignacio Silveira da Motta.

São mais antigos: Barão de Souza Queiroz, escolhido em 16 de Janeiro de 1848.

Marquez de Muritiba, em 1.º de maio de 1851.

José Ignacio Silveira da Motta, em 27 de abril de 1855.

Estada

Comprimntamos ao sr commendador José Fernando Alves, digno professor de Campo-maior, de presente nesta capital.

Regresso

Regressaram a esta capital os nossos illustres amigos drs. Clodoaldo Freitas, Francisco Sant'Anna e Marcos Pereira de Araujo.

Estadas

Estiveram entre nós os nossos presados amigos coronel Augusto Cesar dos Santos, capitão Osano de Menezes Costa e Tenente-coronel Theodoro José da Silva Souza Boa vista.

Outra

A 28 do corrente chegou a esta capital a exma sra d. Eliza Oliva de Rezende Monteiro, virtuosa esposa do illustre sr. dr. Cesar do Rego Monteiro.

Fallecimento

A 26 do corrente rendeu alma ao Creador o nosso presado amigo capitão Rodolpho Martins Vianna, um das valentes soldados das fileiras liberaes.

Registrando com dor tão fatal acontecimento sentimentalamos a exma viuva, filhos e parentes do finado.

Lista geral dos alumnos internos do Collegio de N. S. das Dores.

- 1 Antonio Frederico Corrêa
2 Adolpho C. Rapozo Camara
3 Antonio Pereira da Silva
4 Anclises G. Rapozo Camara
5 Arthur Soriano G. de Mello
6 Bernardo F. dos Santos
7 Carlos A. de Araujo Costa
8 Cesario Claudio de Souza
9 João A. Perdigão
10 Egenio da Cunha Belmont
11 Henrique C. da Costa Rubim
12 João Evangelista Marques
13 José Franco de Carvalho
14 José Pereira da Rocha
15 Joaquim de Barros Alencar
16 Joaquim da Cunha Belmont
17 José Canoto Pereira
18 Luiz Furtado de Mendonça
19 Manoel Pereira da S. Martins
20 Manoel Gonçalves Machado
21 Moyzes Maria Eulalio
22 Pedro Licínio de M. Barbosa

- 23 Raimundo Pereira da Rocha
24 Urbano Maria Eulalio
25 Virgilio da osta Rubim

EDITAL POLITICO

De ordem do Inquisitorial Centro Onça, faço publico para conhecimento dos nossos delegados do interior da provincia que, a vista das ultimas noticias transmittidas da Côrte, fica prorogado por 60 dias o prazo marcado em reseravados do mesmo centro para o fim do governo do dr. Coelho de Rezende.

Outro sim, faço publico que, em vista de resolução do Centro, a «Epoca», orgã dos nossos pequenos interesses, não atacará nenhum acto do sr. dr. Licinio que offenda aos nossos amigos, para que não se dê lugar a rescisão do contracto; sendo os mesmos lançados a conta do dr. Coelho de Rezende em termos brandos e que não excitam as iras do governo.

Faço tambem constar que foi dispensado, a pedido, do lugar de 2º secretario da Camara dos Deputados o nosso maioral, o grande Cicero Pinhyense.

Sala das sessões Inquisitoriaes do Centro Onça, em Theresina, á rua Bella, 4 de Setembro de 1888.

O secretario de oculos perfilados, Jeremias Sancho Pança.

Annuncios

Consultorio Medico e Cirurgico

O dr. Tiberio Soares Barlamaqui está a disposição do publico desta capital para os serviços de sua profissão.

Reside á rua da Gloria = No. 40 =

No Bazar 13 de maio

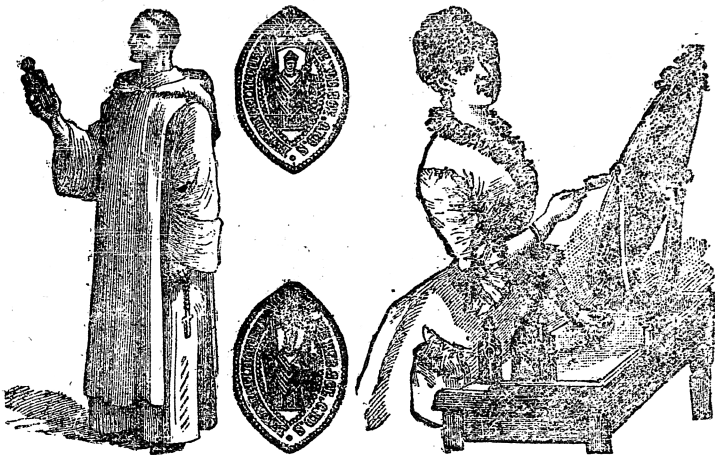
de propriedade do abaixo assignado contracta-se trabalhadores de ambos os sexos para lavoura de canna.

E. Central S. Pedro, 1º de Junho de 1888. Maranhão Manoel Lopes da Silva

Xarope e Pasta de Sava do Pinheiro Marítimo de LACASSE, Pharmacoutico de Bordeaux. Approved pela Junta de Hygiene do Rio de Janeiro. Os medicos francezes mandão para Arcaçhon, perto de Bordeaux, os dentes fracos do peito, affim de que respirem o ar embalsamado dos seus pinheiros e bebão a sava que se extrah do pinheiro marítimo. Estes admiraveis principios balsamicos são os que o Sava de LACASSE concentrou no seu Xarope e na Pasta de Sava do Pinheiro Marítimo, excellentes pectoraes receitados constantemente contra a Tosse, os Resfriamentos, os Catarrhos, a Bronchite, a Rouquidão e Extinção da voz. Cada frasco tem a marca da fabrica, a firma e o selo azul de nossa casa. Depósito em PARIS, 8, Rua Vivienne, e nas principais Pharmacias.

DENTRIFICIOS

PADRES BENEICTINOS



ACABARAM-SE AS DORES DE DENTES.

Aos DENTRIFICIOS dos R. R. P. P. Benedictinos da Abbadia de Soulac (Gironde) deve-se esta notavel conquista a medicina.

Conhecedores, em tempo mui remoto, de segredos que ainda hoje não poderam ser penetrados, os padres das diversas communitalhes fizeram, graças aos esforços do trabalho e á actividade de cerebros verdadeiramente geniaes, descobertas maravilhosas e, o que é mais, fertilissimas em resultados praticos. De entre os Carmellitas sahio o importante remedio que ainda hoje conserva o nome dos seus descobredores. Copernico explica ao mundo pasmo a harmonia do nosso systema planetario; Bartholomeo de Gusmão applica ao ar a lei da destocação dos liquidos, descoberta por Archimedes, e faz singrar o ar o primeiro balão. Mui to antes de todos estes, o padre Pierre BOURSAUD, Prior Benedictino, que vivia em 1373, descolrio o maravilhoso ELLIXIR DENTRIFICIO, que ainda hoje é o alivio da humanidade soffredora.

UM MAU DENTRIFICIO

DESTROE OS DENTES

As dores de dentes e o mau aspecto, q os dentes tem, chamaram a attenção do Reverendissimo Padre Pierre Boursaud, Prior da Abbadia de Soulac (Gironde).

Este illustre Clinico descobriu um poderoso ellixir, que d'ste anno de 1363, prestado relevantes servicos á Humanidade.

Impede que os dentes fiquem esfarelados, impede a produçáo da cá d'as pa-os, dando-lhes brilho, resistiend-se assim evitando as causas das tencioes dentaes.

O seu uso, quando diario, é a unica garantia para que possamos conservar nossos dentes até a velhice.

PRODUCTOS DOS REVERENDOS PADRES BENEICTINOS.

POS DENTRIFICIOS dos Reverendos P. P. Benedictinos

PASTA DENTRIFICA dos Reverendos P. P. Benedictinos.

ELIXIR DENTRIFICIO dos Reverendos P. P. Benedictinos

Os Dentrificios dos R. R. P. P. Benedictinos, sem cujo uso são impossiveis á belleza, á graça, á elegancia, vendem-se nesta provincia nos estabelecimentos dos Srs.

- José Pereira Lopes Theresina
Manoel Raimundo da Paz
Pdonell do Alncar
Domingos R. de Azevedo
Antonio G. P. Portell da
João da Cruz e Irmão
José Felix Alves Pacheco
Salomão Bumann
Franklin V. & Comp. Parahyba
Feliciano V. & Comp
Felippe Gomes Neves
Gonçalves e Filhos Amarantã
Theodoro da Silva Ribeiro
José Ribeiro Gonçalves

W. CADE & CO'S
CIDRA-CHAMPANHA
ESTD 1801.
PODE SE SUPPRIR EM CAIXAS OU CIGOS & C.
ORDENS EXECUTADAS PER INTERMEDIO DE NEGOCIANTES EM INGLATERRA
LIVERPOOL